

**ESPORTE, CORPO E ESPETÁCULO: O QUE ESTÁ POR TRÁS DAS LENTES***SPORT, BODY AND SPECTACLE: WHAT'S BEHIND THE LENS*Amanda Alexssandra Vailate Fidelis<sup>1</sup>Cássio Schauemberg de Campos<sup>2</sup>Camila da Cunha Nunes<sup>3</sup>

**RESUMO:** O esporte é um fenômeno social com forte poder de mobilização. Manifesta-se de diferentes formas e com distintos significados em determinados momentos. Dito de outra forma é instituído tendo como pano de fundo acontecimentos históricos, políticos, sociais e culturais, que compreendem o processo de modernização da sociedade. A partir disso, são criados estereótipos e modelos de corpo destinados ao esporte de rendimento que perpassam a imagem de atleta e esporte. Deste modo, este estudo tem como objetivo analisar a compreensão de corporeidade dos atletas da modalidade esportiva de Basquetebol da Fundação Municipal de Esportes de Brusque – SC, tendo em vista os estereótipos do esporte de rendimento. No sentido de (re)pensar as práticas nos diversos espaços de materialização da Educação Física trazendo à tona a discussão de corpo em meio aos desígnios do esporte de rendimento. Visto que o corpo - expressão corporal se apresenta como identidade social construída através dos valores e interpretações da realidade em que se está inserido.

**Palavras-chave:** Esporte. Corpo. Atleta.

**ABSTRACT:** *Sport is a social phenomenon with a strong mobilizing power. It expresses itself in different forms and with different meanings at specific moments. Said in other words, it is set against the background of historical, political, social and cultural events, that covers society's modernization process. Therefore, stereotypes and body models are created for the performance sport that permeate the image of athlete and sport. Thus, this study aims to analyze the athletes' corporeality understanding of the sports modality of Basketball from Municipal Sports Foundation of Brusque – SC, focusing on stereotypes of performance sport. In order of (re)thinking the practices in the several spaces of Physical Education materialization, bringing*

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Brusque. E-mail: [amandafidelis@unifebe.edu.br](mailto:amandafidelis@unifebe.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brusque. E-mail: [cassio.s.campos@gmail.com](mailto:cassio.s.campos@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Mestre do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brusque. E-mail: [camiladacunhanunes@gmail.com](mailto:camiladacunhanunes@gmail.com)

*up the discussion of body among the performance sports goal. Since the body- body language presents itself as a social identity built through the values and interpretations of the reality in which it is inserted.*

**Keywords:** *Sport. Body. Athlete.*

## 1 INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno social com forte poder de mobilização. Manifesta-se de diferentes formas e com distintos significados em determinados momentos. Dito de outra forma é instituído de acontecimentos históricos, políticos, sociais e culturais, que compreendem o processo de modernização da sociedade. Esse processo que caracteriza a dinâmica da sociedade moderna é incorporado pelo esporte durante os séculos XIX e XX, mediado pelo processo de transformação social. Desde então, sua prática se desenvolve relacionado a interesses e em diversas instâncias, a saber: à saúde, sociabilidade, entretenimento, empreendimento e até mesmo, fortalecimento da raça. Por outro lado, o esporte moderno está relacionado ao rendimento, à conquista de resultados e a quebra de recordes, elementos que promovem a sua espetacularização.

O esporte como o conhecemos hoje, composto por organizações esportivas, regras e um corpo técnico, surge com a modernidade no século XVIII. Diferencia-se quanto à natureza e a finalidade das práticas corporais não sistematizadas realizadas na Antiguidade e dos jogos populares. As principais diferenças são quanto à ética dos jogadores, regras e a configuração das competições (MASCARENHAS, 2009).

No Brasil, o campo esportivo tem suas origens em meados do século XIX. Para Lucena (2001) isto decorre de alguns fatores permeados pelas características de formação social que se estrutura no Brasil. Constituído a partir dos seguintes fatores: diminuição e suspensão do tráfico de escravos, o processo imigratório europeu, a diversificação de funções e ainda o crescente sentimento de formação nacional. Este processo também reafirma uma forma de controle social. Uma prática que se inicia em um contexto específico de uma camada social e expande-se para outro. Inicia-se na ação das elites e é, em vários aspectos, incorporada por outros segmentos, seja na figura de participantes ou assistentes. Cabe lembrar que a partir do século XIX, se almejava a construção de uma nação “organizada”, tanto racialmente como política e socialmente. O esporte se torna uma ferramenta para tal feito por ser pautado em regras e exige uma forma de comportamento.

Esta forma de espacialização do esporte mediado pelo rendimento, eficácia e eficiência acaba por determinar os objetivos do próprio esporte e com isso, as formas de treinamento.

Considerando isso, o corpo dos atletas torna-se um corpo adestrado para o desenvolvimento de gestos técnicos e o desenvolvimento de aspectos técnico-táticos das modalidades específicas. Um corpo designado como objeto de uso do trabalho. Para Moreira (2003) analisar o fenômeno corporeidade é adentrar aos símbolos e signos que estão tatuados no corpo ao longo do tempo. O ser humano, por produzir cultura e história, ao mesmo tempo em que é modificado por essa cultura e essa história que produz, recebe marcas que estão presentes em seu modo de ser e de se relacionar com os outros e com o mundo.

A partir disso, temos como objetivo analisar a compreensão de corporeidade dos atletas da modalidade esportiva de Basquetebol da Fundação Municipal de Esportes de Brusque – SC. As formas de agir e relacionar-se com o mundo determinam e moldam as formas e a construção dos *hexis* corporais dos indivíduos sustentados no paradigma atual de sociedade. No meio esportivo não é diferente. O esporte moderno possui algumas características que objetivam o êxito, como o rendimento e a eficácia. Estes elementos também determinam a compreensão de corporeidade dos indivíduos. Os treinamentos que evidenciam pelo rendimento parecem desenvolver um corpo objeto. Aquele corpo destinado ao rendimento.

Deste modo, é no sentido de se (re) pensar as práticas nos diversos espaços de materialização da Educação Física trazendo à tona a discussão de corpo em meio aos desígnios do esporte de rendimento que se justifica esse estudo. Visto que o corpo - expressão corporal se apresenta como identidade social construída através dos valores e interpretações da realidade em que se está inserido. O presente artigo está apresentado, além desta introdução, nas seguintes seções e subseções: 2 O esporte na modernidade e suas dimensões; 3 Procedimentos metodológicos; 4 O campo empírico: as entrevistas; 5 Considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O ESPORTE NA MODERNIDADE E SUAS DIMENSÕES**

O esporte moderno é mediado, sobretudo, pelo processo de modernização dos países e identificação com o contexto europeu. São, sobretudo os europeus que instituem no Brasil as práticas esportivas. Por um lado, por meio do esporte moderno influenciado pelo contexto da Inglaterra; e por outro, através das Sociedades de Ginástica e Sociedades de Tiro de origem alemã. As Sociedades diferenciavam-se quanto ao seu objetivo do esporte moderno. A par dessas entranhas, o fenômeno esportivo pode ser pensado por diversos ângulos. Considerando o processo de consolidação do esporte no Brasil, pensamos a sua espacialização em três âmbitos: (1) escolar; (2) participação; (3) rendimento.

O primeiro recorre à educação formal de ensino, ao ambiente escolar. O seu desenvolvimento é realizado durante as aulas de Educação Física ou no período contraturno através das escolinhas. O público é composto por indivíduos regularmente matriculados em instituições de ensino de qualquer sistema, seja público ou privado, da educação básica e superior. Tem como finalidade o desenvolvimento integral do indivíduo, sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer. Deve ainda, contribuir para a reflexão sobre o papel do esporte na sociedade. O esporte educacional é praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação conforme a Lei 9.394/96 (BRASIL, 1998).

O esporte de participação é aquele desenvolvido durante o tempo do ócio, nos momentos de lazer tendo caráter recreativo. É uma prática voluntária com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes, promoção da saúde, educação e na preservação do meio ambiente. Para o seu desenvolvimento não há exigência de regras formais ou de regulamentos. Por meio dessa vivência os indivíduos devem ter momentos de prazer, integração e satisfação (BRASIL, 1998).

O esporte de rendimento é praticado segundo as normas e regras de prática desportiva formais, nacionais e internacionais. Tem a finalidade de obter resultados. O esporte de rendimento se caracteriza como aquela atividade que busca a máxima *performance* do atleta, visando alcançar a vitória e a quebra de recordes. É desenvolvido a partir da prática sistemática através do treinamento, formação e aperfeiçoamento integral dos atletas. Segue normas dos órgãos esportivos nacionais e internacionais que regulamentam cada modalidade esportiva, utilizadas pelas respectivas Entidades Nacionais de Administração e de prática do esporte. Neste meio do esporte há a figura do atleta. Sua operacionalização pode se dar ou não dentro do sistema oficial de administração do esporte (BRASIL, 1998).

Nessa roupagem que o esporte se constituiu, o próprio esporte, foi adequado às necessidades estabelecidas pelos patrocinadores, poder público, mídia e os regulamentos. Devido a estas alterações no contexto esportivo, a essência do esporte moderno é alterada, decorrente das exigências da própria sociedade. Os próprios valores incorporados pela sociedade moderna e a conseqüente espetacularização do esporte o encaminhou para outro viés. A partir dos anos 70, empresas multinacionais se utilizam do esporte (SOARES; VAZ, 2009) e, particularmente dos grandes eventos esportivos para realização do *marketing* dos seus produtos.

Este processo de mercantilização do esporte transformou as instituições em grandes corporações financeiras. As instituições estabelecem vínculos com grandes empresas patrocinadoras. Com isso, são envolvidos uma série de fatores como o patrocínio de eventos,

equipes, material esportivo e a venda de direitos de transmissão. As empresas acabam por determinar horários de transmissão e locais sedes dos eventos, tendo em vista oportunidades comerciais. A partir disso, as relações entre as instituições esportivas, empresas patrocinadoras e a mídia acabam por influenciar diretamente o esporte. Em detrimento das características da competição ou das modalidades esportivas, o que se almeja são os horários de maior audiência e, sobretudo, a valorização do espetáculo (SIGOLI; DE ROSE JR., 2004).

Portanto, o esporte moderno com o advento da modernidade alterou a lógica esportiva. Alterou seus regulamentos, espaços e tempos. É desenvolvida toda uma logística para que o jogo, a corrida, a luta, e assim por diante, tenha maior atratividade e conseqüentemente, mais espectadores. Para tanto, são criados também, códigos esportivos. Uma forma de identificação de atletas, telespectadores, árbitros, mídia e todos aqueles que possam se interessar. O esporte é (re) organizado, assim, ao mesmo tempo em que repercute um elemento de visibilidade, cria-se uma imagem de atleta profissional, resultando o seu corpo em um objeto de trabalho.

O corpo a serviço do sistema capital vigente, não serve mais somente para prática do esporte como o conhecemos. Este corpo, além de sua prestação física, também é um produto e este, como tal, gera renda além do espetáculo que proporciona. Ligas como a NBA (*National Basketball Association*), *Champions League*, são exemplos de, além de belos e competitivos espetáculos esportivos, agregadores de produtos e renda para seus investidores. O esporte cumpre sua função social, cumpre sua função capital e, de certo modo, promove o seu próprio desenvolvimento.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2004) de caráter bibliográfico (OLIVEIRA, 2002) e exploratório (KÖCHE, 1997). Utilizamos como instrumento a entrevista (MAY, 2004). Optamos por desenvolver a entrevista aberta com temas geradores. Idealizamos para a entrevista quatro temas geradores, assim sistematizados: (1) identificação do sujeito; (2) dinâmica de treinamento e competição; (3) compreensão de corporeidade; (4) representação de corpo e corpo do atleta.

A população desse estudo é composta por atletas da modalidade de basquetebol da Fundação Municipal de Brusque – SC na categoria adulto do sexo masculino. Esses atletas têm no mínimo 18 anos e realizam a prática sistemática do basquetebol há no mínimo dois anos no município de Brusque. A Fundação Municipal de Brusque é uma entidade administrativa municipal. A partir dessa população, a amostra foi constituída intencionalmente por 6 indivíduos.

De modo a resguardar os direitos dos participantes e os aspectos éticos e legais, o projeto foi submetido a análise do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFEFE por meio da Plataforma Brasil. O estudo realizado está respaldada pelo processo 123697/2015 e aprovado sob o número CAAE: 51557015.0.0000.5636. Após o aceite, houve total esclarecimento acerca do objetivo e finalidade do mesmo aos sujeitos participantes. Uma vez aceita a participação assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para realização da entrevista, desenvolveu-se um roteiro de questionamentos, a partir dos temas geradores e entrou-se em contato com a equipe de Basquetebol de Brusque para agendamento da coleta. No dia 23 de novembro de 2016 às 22h30min na Arena Multiuso de Brusque foram coletados os dados antes do treinamento. Primeiramente, foi conversado com o técnico para explicar a ideia inicial da entrevista, que seria entrevistar atletas com o tempo de atuação pela equipe de quatro anos ou mais, porém pela ausência de atletas no treino que atuam a mais tempo pela equipe, foi realizado a entrevista com um atleta que atua a dois anos e outro a três. Após a coleta, realizamos a sistematização e análise dos fenômenos investigados.

Utilizamos a análise discursiva. Esta permite, quando da transcrição de entrevistas em profundidade, contemplar a prática social em um contexto interpretativo de mensagens e informações explícitas e implícitas. Neste sentido, estabelecemos o cruzamento dos dados do fenômeno investigado com o referencial teórico investigado.

#### **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Para cumprir com os critérios éticos da pesquisa científica durante a apresentação dos dados empíricos será adotado a denominação de: E1, E2 e assim sucessivamente até o E6. Foram entrevistados 6 atletas, com a média de idade de 28 anos, sendo que o atleta mais novo tem 21 anos (E6) e o mais velho 40 (E2). Em relação a naturalidade, somente um atleta é de Santa Catarina (E6), os demais nasceram no estado de São Paulo (SP).

Referente a atuação em outras equipes, além de Brusque, verificou-se que 85% dos entrevistados atuaram em equipes da capital e do interior do estado de SP (Rio Claro, Franca, Clube Atlético Paulistano, São Caetano, Sorocaba, São José do Rio Pardo, Pinheiros e Paulistano) desde a base até a fase adulta. Os demais 15% atuaram em estados como Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais. Constata-se que a grande base formadora/fornecedora de atletas para cidade é o estado de SP.

A partir deste momento, serão explanados os questionamentos realizados quanto a dinâmica de treinamento e competição. Quanto ao funcionamento da rotina de treino dos atletas

apurou-se que os mesmos apresentam rotinas diversas, mas todos têm o esporte como complemento salarial, além do amor pela atividade, conforme:

Agora está meio complicado. Quando eu vim para cá, eu treinava dois períodos, chegava a treinar até seis horas por dia, fora academia mais quadra, como eu trabalho o dia todo, sou professor de Educação Física, eu treino quatro vezes por semana, uma hora, uma hora e meia (E2).

Com rotina diversificada do atleta supracitado, E3 esclarece que, “a minha rotina de treino é de manhã arremessos, tarde academia e noite o treino coletivo”. Isso significa que alguns atletas dedicam maior parte do tempo para os treinamentos.

Evidenciou-se que durante a temporada a média de participação de campeonatos de alto nível é de três competições. No entanto, os atletas E1 e E4, mensuraram quantidades diferentes de competições, citando que há competições de menor expressão que participam. Não ficou nítida a proposta de políticas públicas e fomento privado para tais competições. Justificando por amarem o esporte chamado Basquetebol e por serem remunerados para a prática, esses atletas simplesmente participam das competições muitas vezes não sabendo quantificar ou nomeá-las. Referente a títulos, além da conquista de um Campeonato Estadual sobre a equipe de Joinville, o mais marcante na fala de todos os atletas, foi a conquista dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) sobre um arquirrival de quadra, a equipe de Blumenau.

Os JASC surgiram em 1960 em Brusque, realizado juntamente com as festividades de comemoração do Centenário de Brusque por meio de Arthur Schlösser em parceria com colaboradores. Tornou-se a segunda maior competição realizada no Brasil naquela época (GOMES; FRITSCHÉ, 2010). Atualmente, os JASC encontram-se na 57ª edição e são promovidos pelo Governo do Estado de Santa Catarina por meio da FESPORTE (Fundação Catarinense de Esporte) em parceria com as Secretarias Regionais e Prefeituras. Os jogos são organizados pela FESPORTE e sediados pelas prefeituras municipais havendo contrapartida do executivo estadual, executivo municipal e iniciativa privada para sua execução.

Parece redundância falar que para grandes conquistas há necessidade de suporte financeiro. Os atletas entrevistados não percebem ou não sabem, realmente, o aporte financeiro que sustenta a prática. Para muitos há contribuição do dinheiro público e contrapartida da iniciativa privada em formato de ajuda de custo, como: alimentação, academia, uniforme de treinamento e jogo. Conforme explicitado:

posso te adiantar que a gente não tem muito acesso a isso, temos um diretor que passa para o técnico e a gente só recebe o que vem de cima que nem uma empresa. O funcionário não sabe o que está acontecendo, o que eu sei é que a prefeitura, através da fundação municipal de esportes mantém o time. Os patrocinadores ajudam com itens: A Italianinha ajuda com a refeição; A academia SOMA com a preparação física;

A faculdade UNIFE com bolsas de estudo; Atlântica ajuda com toalhas e que se refere a atletas, materiais, arbitragens, vem da prefeitura (E4).

Quanto ao aporte público todos referenciaram a bolsa atleta, repassada a Fundação Municipal de Esportes e repassado aos atletas por um gestor público. Segundo E5, “Federação Catarinense de Basquete com pagamento de arbitragem, o bolsa atleta da Prefeitura e mais alguns patrocínios que a gente não sabe”. Após perceberem-se por meio das próprias palavras dos sujeitos as percepções que possuem adentraremos no tema gerador **compreensão de corporeidade**.

33

Corporeidade implica a inserção do corpo em um mundo significativo, na relação dialética do corpo, consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos, considerando que a cognição emerge da corporeidade e se expressa na percepção como movimento. Nosso corpo traz marcas sócias e históricas; dessa forma, é portador das questões culturais vividas, além de ser instrumento das práticas educacionais (GIGANTE; SANTOS, 2012, p. 29).

Questionamos o termo corporeidade sem maiores informações ou conceitos científicos a respeito. O questionamento se deu de forma direta e objetiva esperando que os entrevistados conceituassem o termo. Todos demonstraram não conhecer o termo no seu conceito científico, inclusive os formados na área de Educação Física, e relacionaram o conceito a duas categorias – *idade e trabalho* – 25% relacionaram o conceito com sua idade temporal e, em nenhum momento, relataram o conceito macro de corporeidade a sua prática esportiva; 75% associaram o conceito com seu âmbito trabalhista, tanto social quanto esportivo. Todos fundamentaram suas respostas associado a um conceito em consonância com as suas necessidades trabalhistas.

Vejamos nas palavras dos sujeitos, “para mim nada mais é do que trabalhar o nosso corpo como um todo. Usando dentro da quadra com os movimentos que o basquete exige” (E5). Para E3, “tipo o corpo e a idade. Relacionei isso, o corpo associado à idade”. Essa forma de pensar o conceito de corporeidade está relacionado as características bio/fisiológicas que são desenvolvidas ao longo da vida do sujeito durante o processo de desenvolvimento e crescimento humano.

Quanto a percepção do corpo no cotidiano, treinamentos, competições e as competências mobilizadas para tais fins, faremos o relato das dimensões de *promoção e desgaste*, destes corpos, nas várias atividades citadas. Segundo Muraro (2015):

também se observa que, quando o trabalho físico é muito intenso, o corpo recebe menos atenção; igualmente, no excesso de atividade física nas classes média e alta, a percepção do corpo fica diminuída. Assim, o uso cotidiano do corpo, sobretudo ou somente no esforço físico, torna difícil a seleção de sensações e a escuta subjetiva do corpo.

Quando questionados sobre a rotina do seu corpo no dia a dia e a chegada ao centro de treinamento, 50% relatam que chegam desgastados por atuarem em profissões diversas, os demais relatam que chegam motivados. Todos sem exceções declaram extremamente relaxados e com a sensação de dever cumprido após os treinamentos. Conforme esclarece E1, “conforme o meu cansaço, conforme o meu descanso. Depende de como estarei e o estresse que tive durante o dia eu percebo como meu corpo estará no final do dia. Depois que treino vou dormir tranquilo. Mas quando meu dia foi estressante, venho treinar e estou moído”. Já para E2, “meu corpo está bem apesar de algumas limitações, mas ele está bem”. Trazendo uma percepção corporal diferente, E 4 comenta que, “percebo meu corpo sempre bem, bem disposto, sempre com vontade. Acordo animado e vou dormir animado”. Mais uma vez, o corpo está associado a características bio/fisiológicas apresentadas em formas de estar.

Quanto a essa associação bio/fisiológica, alguns autores nos auxiliam a esclarecer a intenção expressa na fala dos atletas. Segundo Behar (2013, p. 30), “[...] é aquele que trata do corpo, isto é, diz respeito a todas as funções biológicas e fisiológicas (genética, neurologia, neurobiologia, bioquímica, etc.). Da sua integridade estrutural e funcional depende a integridade estrutural e funcional dos demais”.

Referente as competições, 50% percebe seu corpo conforme a situação que o jogo proporciona fisicamente, para E3 “nos Jogos Abertos que é uma competição mais longa, a gente sente o desgaste. É uma competição com jogos seguidos e no terceiro, quarto dia a gente sente o cansaço”. Os demais, sabem lidar com a ansiedade e com as situações propostas pelo jogo, segundo E2, “no começo tinha bastante ansiedade, hoje na verdade tem atalhos. No começo com bastante ansiedade e, hoje, nos atalhos usando bastante a cabeça e menos a parte física”.

Relacionando a exigência dos treinos e a influência no seu comportamento corporal visualizamos que 100% sentem influenciados pelos treinos nos seus afazeres diários. Nos depoimentos fica claro que a maior influência corporal é o cansaço no dia seguinte. Haja vista a duplicidade nas suas rotinas diárias, o trabalho e o treino. Não é evidenciado queixas, mas desgaste na rotina diária, segundo E3, “os períodos antes das competições são bem desgastantes. No período de competição é desgastante, mas o período antes das competições, para chegarmos num bom preparo físico é o mais desgastante. No meu dia a dia fico cansado do meu trabalho, mas é normal”.

Em relação a possibilidade de influência do Basquetebol em seu corpo, como por exemplo, modo de vestir, andar, gestos etc., 100% responderam que o esporte gera uma certa influência, tanto na fala quanto vestimentas, conforme relatado por E3, “Sim, o basquete tem um estilo diferente de roupa e andar. Temos um corpo maior e temos que ter diferença, podemos

andar com roupa coladinha. Os jogadores da NBA têm um comportamento que dita moda mundial”.

Nessa linha de pensamento, Harvey (2004) sinaliza que o capital molda os corpos de acordo com seus próprios requisitos, ao mesmo tempo em que os corpos internalizam em seu modo de agir desejos corporais, vontades, necessidades e relações sociais estabelecidas pelo meio social. Nesse caso específico, a maior Liga de Basquete do mundo. Le Breton (2006) corrobora, apontando que a sociedade, instituída pelo constante processo de globalização e consumo, estabelece diferentes significados ao corpo, em vista que o corpo hoje se impõe como lugar de predileção do discurso social, esquecendo da sua representação para o indivíduo.

Sendo assim, o corpo não pertence à pessoa, mas às regras e orientações, artifícios e disfarces do mundo social, de modo que procuram ajustar os corpos (aparência física e conduta) aos cânones da moral oficial numa clara tentativa de se autovalorizar a partir das regras sociais impostas pelo meio (TRASFERETTI, 2008). Essa forma de visualizar-se e seu modo de vestir ficaram evidentes na fala de E3.

No entanto, pode-se perceber-se e perceber o outro, mais precisamente, os seres humanos tratados a partir do homogêneo, do comum e do semelhante, ou conforme suas particularidades, das heterogeneidades e das diferenças. A diferença é estabelecida pela diversidade cultural presente no dia a dia que atribui ao corpo diferentes significados estabelecidos em diferentes contextos, construídos e materializados, particularmente, pela indústria cultural (SANTIN, 1987).

Ao indagar os atletas realizando os dois questionamentos finais que possuíam como intuito definir corpo em uma palavra e qual a importância de seus próprios corpos, abre-se um leque de respostas. Em um âmbito geral, percebe-se que os atletas sinalizam a importância de seu corpo como a *base de tudo*, utilizando para seus respectivos afazeres diários. Segundo E5, “bem grande, preciso dele o dia todo para fins de trabalho e esporte. Na academia onde trabalho e na competição. Vejo como uma ferramenta que deve ser muito bem cuidada”. Isto é, o corpo é visto como funcional, necessário para as vivências diárias.

Em relação a definir o corpo em uma palavra, o leque de respostas estende-se, partindo de uma visão corpo-trabalho como relatado: “meu material de trabalho, meu ganha pão” (E1) e também uma percepção partindo das experiências vividas, conforme: “consequências, o corpo é consequência de tudo que você come, tudo que você faz, consequências” (E4).

A imagem corporal é construída diariamente através das representações estabelecidas, muitas vezes, por modelos de corpos instituídos como se fossem dogmas, des preocupados com a diversidade cultural e preocupados com medidas, músculos e rendimento, uma dicotomia que

sinaliza que há uma cisão entre corpo social e o corpo político (HARVEY, 2004). Isto é, o corpo do indivíduo e o intencional.

Evidenciamos que a grande maioria dos atletas faz uso do seu corpo, ainda, para fim capital e alguns desafios que construíram culturalmente. Estes desafios, ainda, os mantêm focados, mas, deixam claro que o esporte, por eles praticados, ainda é uma fonte complementar de renda. Entre os desafios da conquista e complementação financeira, vivem o seu dia a dia da melhor maneira que lhes é possível.

Cientes que seus corpos são o seu uso fruto para o trabalho, levam o mesmo ao limite. Muitos expõem esta fragilidade e desgaste pelo qual os corpos passam por suas carreiras de atleta. Não definem bem se vossos corpos servem ou são servidos. De certa forma alienados, seguem entre conquistas e derrotas, vivendo o seu dever.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o esporte como um fenômeno social e seu poder de mobilização, percebe-se que tal fenômeno se manifesta de forma multifacetada. Os estereótipos criados e modelados pela prática do esporte, criam uma imagem com prefixo SUPER, ou seja, atletas que estão acima dos limites de um cidadão comum. Associados ao modelo do capital vigente e aos interesses diversos, criam, ratificam e eternizam ideais muitas vezes de cunho político e não de cunho esportivo.

Evidenciou-se que, os pressupostos teóricos apresentados ratificam-se nas palavras proferidas pelos atletas que, em sua maioria, percebem-se como um corpo-produto a serviço de um projeto. Este projeto, nem todos tinham claro qual era. São sabedores de suas responsabilidades e o quanto sua prestação física, a serviço do esporte, geram e produzem espetáculos na comunidade que, atualmente, estão inseridos, mas, concomitantemente não se percebem como agentes sociais do esporte que praticam e do produto que geram financeiramente. Sua paixão pelo esporte, muitas vezes, se sobrepõe à sua função social e promoção do esporte que atuam.

Repensando as práticas nos diversos espaços de materialização da Educação Física na cidade de Brusque e, trazendo à tona a discussão de corpo em meio aos desígnios do esporte de rendimento, percebemos que através das entrevistas, e do esporte evidenciado, este projeto poderia alçar múltiplos patamares, tornando-o macro, com acesso para todos, criando uma identidade de espetáculo, identidade com uma comunidade e a promoção de um projeto social mais amplo, oportunizando, uma percepção de corpo conforme as suas intencionalidades.

**REFERÊNCIAS**

- BEHAR, P. A. **Competências em educação a distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2016.
- GIGANTE, A. M. B.; SANTOS, M. B. **Práticas pedagógicas em Matemática: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.
- GOMES, M. A.; FRITSCHÉ, V. **JASC 50 anos: história de vencedores**. Florianópolis: ACAERT, 2010.
- HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- LUCENA, R. F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados: Chancela Ed. CBCE, 2001.
- MURARO, R. M. O corpo da mulher. In: BIO, E. **O corpo no trabalho de parto: o resgate do processo natural do nascimento**. São Paulo: Summus, 2015.
- MASCARENHAS, G. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- MOREIRA, W. W. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 11, n. 3, p. 85-90, 2003.
- OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: UNIJUÍ, 1987.
- SIGOLI, M. A.; DE ROSE JR., D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-119, 2004.
- SOARES, A. J. G.; VAZ, A. F. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

TRASFERETTI, J. Corpo e Cultura; No contexto da sociedade brasileira. **Cultura e Sociedade**. Comunicação & Informação v. 11, n. 1, p. 126-137, jan./jun. 2008.